



GUERRA NO LESTE EUROPEU

Rússia e Estados Unidos revigoram parcerias

Movimentos estratégicos marcam a antevéspera do primeiro ano da invasão da Ucrânia por Moscou. Enquanto Vladimir Putin investe no fortalecimento dos laços com a China, Joe Biden afaga líderes da ala oriental da Otan

De forma estratégica, Estados Unidos e Rússia marcaram posição ao lado de aliados na antevéspera do primeiro aniversário da invasão à Ucrânia. Em Moscou, o presidente Vladimir Putin recebeu o chanceler da China, Wang Yi, num encontro sob medida para exibir as boas relações entre os dois países e a disposição de aprofundar laços bilaterais, enquanto aguardam um plano de paz de Pequim para o conflito. Ao mesmo tempo, na cidade polonesa de Varsóvia, o presidente americano, Joe Biden, se reuniu com líderes dos Nove de Bucarest (B9), países do flanco oriental da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), mais suscetíveis à carga dos russos.

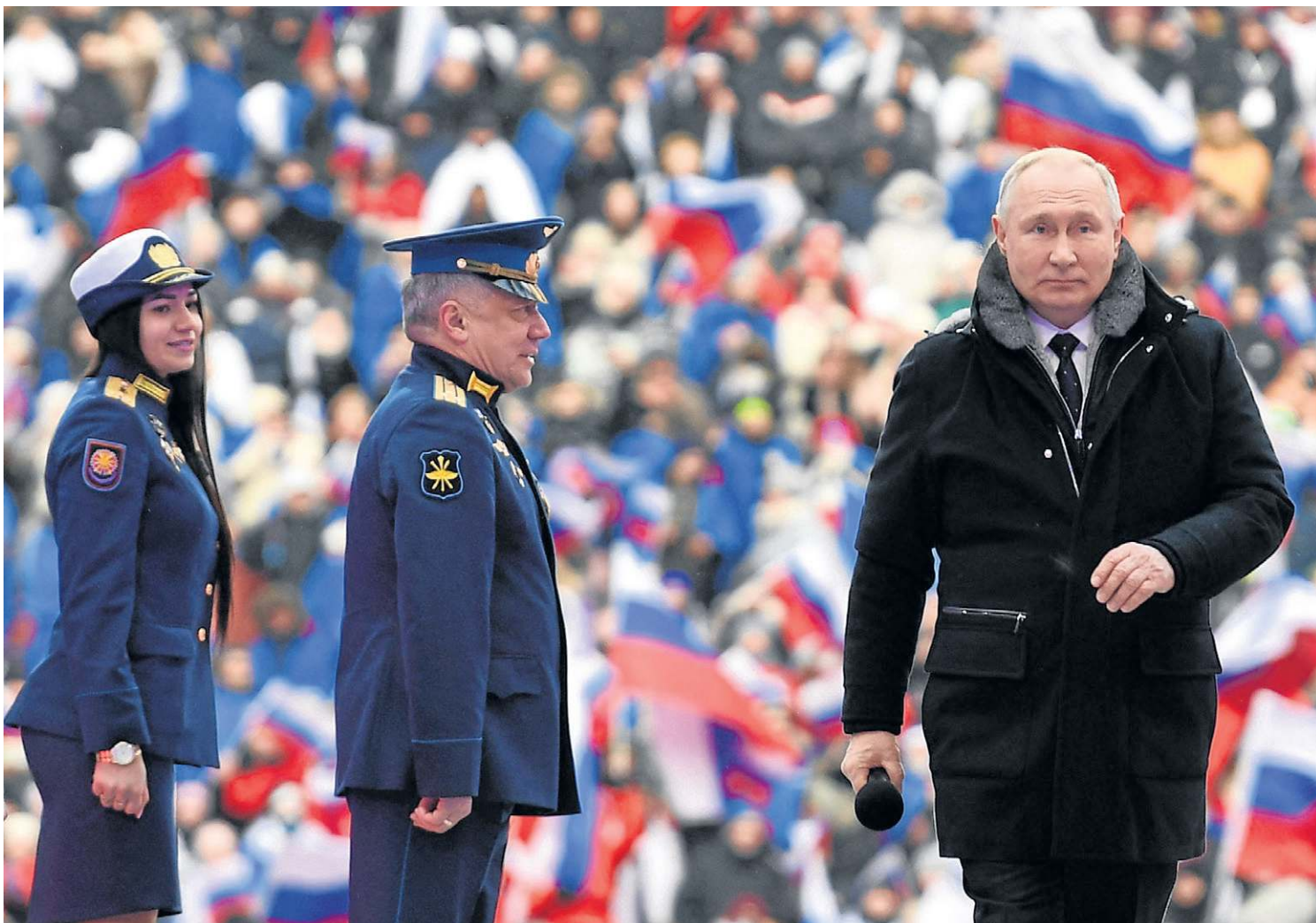
“As relações internacionais são complicadas hoje. Nesse contexto, a cooperação (...) entre China e Rússia é de grande importância para a estabilização da situação internacional”, declarou Putin ao receber no Kremlin o chefe da diplomacia chinesa.

O líder russo raramente recebe autoridades estrangeiras que não sejam chefes de Estado, o que ressaltou os laços privilegiados entre Moscou e Pequim. “Estamos alcançando novos horizontes”, enfatizou Putin, acrescentando que espera que o presidente chinês, Xi Jinping, visite o país na primavera boreal.

Wang Yi reforçou igualmente a proximidade entre os dois países, ao falar da vontade de Pequim de “reforçar a parceria estratégica (...) e a cooperação em todas as direções” com Moscou. “As relações russo-chinesas não são dirigidas contra terceiros países e resistem às suas pressões”, enfatizou Yi, que também esteve com o chanceler de Putin, Serguéi Lavrov.

Logo após o encontro com Wang Yi, Putin seguiu para o Estádio Luzhniki, onde discursou para milhares de pessoas durante um evento para celebrar o Dia dos Defensores da Pátria. “Quando estamos unidos, ninguém é igual a nós”, destacou, firme no propósito de prosseguir com a guerra. “Hoje (ontem), a hierarquia (militar) me disse que estamos lutando por nosso povo em nossas terras históricas”, sentenciou.

AFP



O líder russo participa de evento patriótico no Estádio Luzhniki. Ao discursar para milhares de pessoas, fala em resgate de “terras históricas”

Na breve participação, ele também prestou uma homenagem aos militares russos que “lutam com heroísmo, coragem e valor”. “Estamos orgulhosos deles”, frisou, acrescentando que todos os que apoiam o Exército são “também, de certa forma, defensores da pátria”.

Novo Start

A 1,2 mil quilômetros dali, em Varsóvia, Joe Biden fez uma nova avaliação da suspensão da participação russa no tratado de desarmamento nuclear Novo Start. “Erro grave”, classificou o líder democrata, antes de se encontrar com o chefe da Otan, Jens Stoltenberg, para discutir um aumento da ajuda militar à Ucrânia. Também participaram da cúpula os dirigentes dos nove países-membros da Otan, situados na Europa Central e Leste Europeu: Bulgária, República Tcheca, Estônia,

AFP



Hungria, Letônia, Lituânia, Polônia, Romênia e Eslováquia.

Na abertura, o chefe da Casa Branca mencionou a adesão

da Finlândia à Otan e enfatizou que os países do B9 continuam sendo a “linha de frente da nossa defesa coletiva”.

Presidente americano (D) é recebido pelo homólogo polonês, Andrzej Duda, antes do encontro com o B9: “Defesa coletiva”

Stoltenberg, por sua vez, defendeu “interromper o ciclo de agressão russa” e “dar à Ucrânia o que ela precisa para vencer” a guerra. “Não podemos deixar que a Rússia continue minando a segurança europeia”, sustentou.

Nos últimos meses a Rússia enfrentou vários contratempos no leste, mas tenta compensar com a tomada da cidade de Bakhmut, sitiada e assolada por bombas há semanas. Putin apostava em uma guerra rápida, mas encontrou uma resistência feroz, apoiada por entregas de armas e ajuda financeira das potências ocidentais.

Ucranianos confiantes na vitória

Uma pesquisa realizada pelo instituto ucraniano Rating Group mostra que a confiança da população na vitória do país sobre os invasores russos permanece em alta, um ano após o conflito. De acordo com a sondagem, em torno de 95% dos entrevistados acreditam que as tropas de Vladimir Putin sairão derrotadas. O presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, conta com uma aprovação de 90% — em janeiro de 2022, um mês antes do início da guerra, estava em 36%.

Enquanto 17% da população declara ter perdido um parente na guerra, mais da metade (58%) considera “impossível” o restabelecimento das relações amistosas com russos e bielorrussos, cujo país é aliado de Moscou. Para 22%, essa recuperação é possível “em 20 ou 30 anos”, e para 11%, “em 10 ou 15 anos”.

Dois terços dos ucranianos sofreram uma deterioração de sua situação econômica, e 36% afirmam que perderam seu emprego. Já o percentual da população que vive afastada de seus parentes por causa da guerra caiu de 41%, em março de 2022, para 21%.

Também foram reveladas as aspirações pró-ocidentais dos ucranianos. A ampla maioria dos entrevistados (87%) deseja ingressar na União Europeia. Oitenta e seis por cento querem fazer parte da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan).

As entrevistas foram realizadas no início deste mês com uma “amostra representativa” de mais de 1,6 mil pessoas que moram em diferentes regiões do país — à exceção dos territórios ocupados pela Rússia na Crimeia e no leste ucraniano.

CISJORDÂNIA

Operação israelense deixa 10 mortos em Nablus

Uma operação militar israelense em Nablus, na Cisjordânia, deixou ao menos 10 mortos — entre eles um adolescente de 16 anos — e mais de 80 feridos a tiros, de acordo com a Autoridade Palestina. Foi a incursão mais sangrenta na Cisjordânia desde pelo menos 2005, com um balanço semelhante ao de 26 de janeiro em Jenin, também no norte da Cisjordânia, onde 10 palestinos foram mortos.

Procurado pela agência de notícias France Presse (AFP), o Exército israelense não se pronunciou sobre o número de vítimas ou motivações da operação, limitando-se a dizer que “não tem qualquer informação para divulgar”. Por volta das 10h30 (5h30 de Brasília), a força alertou sobre a ofensiva em Nablus, sem

detalhes. Os soldados deixaram a cidade quase três horas depois.

Além do adolescente, morreram nove homens com idades entre 23 e 72 anos, anunciou o Ministério da Saúde palestino. A Jihad Islâmica divulgou que um de seus comandantes locais de seu braço militar está entre os mortos. Os funerais palestinos foram realizados à tarde.

Houve embates entre israelenses e palestinos no centro de Nablus. Soldados lançaram bombas de gás lacrimogêneo na direção de um grupo de jovens que atiravam pedras contra os veículos militares e queimavam pneus, relataram jornalistas da AFP. De acordo com a Palestine TV, o repórter Mohammed Al Khatib, que trabalha para a emissora, foi ferido no ataque.

AFP



Multidão de palestinos acompanha o cortejo fúnebre horas após a ofensiva: mais de 80 feridos a tiros

Escalada

Nos últimos meses, as tropas de Israel aumentaram suas operações — apresentadas como “antiterroristas” — para procurar “suspeitos” no norte da Cisjordânia. Essas investidas acontecem, em particular, em Jenin e Nablus, redutos de grupos armados. A última grande diligência à cidade havia ocorrido em outubro do ano passado.

Desde o início do ano, após Benjamin Netanyahu reassumir como primeiro-ministro israelense, há uma escalada da violência na Cisjordânia, território palestino ocupado desde 1967 por Israel. Após o ataque a Jenin, no fim de janeiro, foram registrados tiroteios entre grupos armados na Faixa de Gaza e o Exército

israelense, além de um ataque em Jerusalém Oriental.

“Impedir mais violência é uma prioridade urgente”, ressaltou Tor Wennesland, mediador das Nações Unidas para o Oriente Médio. O secretário-geral da organização, António Guterres, exigiu o fim das construções israelenses nos territórios palestinos ocupados. “Toda atividade de assentamento é ilegal sob a lei internacional. Deve parar. Cada novo assentamento é mais um obstáculo no caminho para a paz”, disse ele ao Comitê da ONU para o Exercício dos Direitos Inalienáveis do Povo Palestino.

Para Guterres, a situação “no território palestino ocupado é a mais explosiva em anos” em um contexto de um “processo de paz” israelense-palestino “bloqueado”.